

## Representações da solidariedade infantil em Guimarães Rosa e Mia Couto

*Representations of child solidarity in Guimarães Rosa and Mia Couto*

**Francisco Barbosa de Oliveira Neto**



[barbosaneto441@gmail.com](mailto:barbosaneto441@gmail.com)

Universidade Federal do Acre, AC, Brasil.

**Francisca do Nascimento Pereira Filha**



[franca-ac@hotmail.com](mailto:franca-ac@hotmail.com)

Universidade Federal do Acre, AC, Brasil.

### Resumo

Este trabalho objetiva discutir as representações da solidariedade infantil nos contos *A menina de lá*, de Guimarães Rosa (2011), e *A menina sem palavra*, de Mia Couto (2018). Para tanto, fundamenta-se na pesquisa bibliográfica, Literatura Comparada, Teoria do conto e História da infância. Os resultados da análise demonstram a dificuldade de fala e interação das personagens infantis com/na família. A conclusão do artigo é a de que as narrativas dos autores representam vozes, corpos e performances de crianças outrora silenciadas, configurando, assim, possibilidades de leitura comparada das literaturas brasileira e moçambicana.

**Palavras-chave:** Infância; Solidariedade; Vida; Guimarães Rosa; Mia Couto.

### Abstract

*This work aims to discuss the representations of children's solidarity in the short stories *A Menina de Lá*, by Guimarães Rosa (2011), and *A Menina sem Palavra*, by Mia Couto (2018). To this end, it is based on bibliographical research and Comparative Literature, Short Story Theory and Childhood History. The results of the analysis demonstrate the difficulty of speech and interaction of the child characters with/in the family. The conclusion of the article is that the authors' narratives represent voices, bodies and performances of previously silenced children, thus configuring possibilities for comparative reading of Brazilian and Mozambican literature.*

**Keywords:** *Infancy; Solidarity; Life; Guimarães Rosa; Mia Couto.*



10.23925/2318-7115.2024v45i1e64523



## 1. Introdução

O tema da infância tem sido tratado nas mais distintas áreas do conhecimento, abrindo possibilidades de diálogo e intervenção sobre a função da voz, do corpo e da performance infantil na vida artística, política e literária das nações modernas e contemporâneas. Mais ainda, a presença da criança nas múltiplas esferas da atividade humana tem suscitado debates nos quais não apenas se realiza a defesa do direito à infância, mas fundamentalmente se discute o impacto das representações da infância para além dos espaços educacionais.

Esse ultrapassar das fronteiras escolares e disseminação por outros lugares da esfera social demonstra a fecundidade e amplitude da questão, de tal modo a fomentar uma mirada de ação-reflexão-transformação da-na *práxis* da crítica, teoria e história literárias praticadas tanto no Brasil quanto em Moçambique quanto à presença da infância nas obras literárias destes dois países marcados por diálogos culturais e ressonâncias estéticas.

Tal contexto de produção, recepção e circulação dessas reflexões justifica, pois, a importância de abordarmos a infância na escrita literária de Guimarães Rosa e Mia Couto, autores em cuja contística, poética e romanesca se localiza a representação da criança como um ser de linguagem fundamental ao imaginário literário brasileiro e moçambicano. Esse modo de reler e reescrever a infância enquanto um horizonte indispensável à formação das identidades familiares, sociais e afetivas de seus países contribui para que possamos pensar um itinerário de investigação sobre as textualidades literárias dos autores.

Feita essa rápida contextualização do tema, o presente trabalho objetiva mapear as representações da solidariedade infantil nos contos *A menina de lá*, de Guimarães Rosa, e *A menina sem palavra*, de Mia Couto. Para tanto, propomos, nessas considerações iniciais, discutir, rapidamente, os três conceitos centrais deste artigo: a representação, a solidariedade e a infância.

Começamos a exposição pelo primeiro: o de representação, o qual, para Anderson da Mata (2010), “é utilizado, em várias línguas, para designar diversos processos: a ação do ator em cena, a configuração de elementos ficcionais num enredo e a relação entre eleitores e eleitos no processo político” (Mata, 2010, p. 12). Neste trabalho, iremos nos valer do segundo significado que é atribuído pelo autor, tendo em vista que a definição está direcionada para as narrativas. Dito isso, entendemos o ato de representar como um caminho para que as literaturas possam configurar suas personagens, dando-lhes o máximo possível de semelhança ou não com as histórias reais.

Ainda sobre a representação, Roger Chartier (1991) defende que, se por um lado, “a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (Chartier, 1991, p. 184). Para Chartier (1991), a representação está atrelada ao modo como as coisas, as sociedades e as pessoas são significadas pelo mundo social mediante a forma como são postas para serem apreciadas. “O mundo como representação”, nos contos de Rosa e Couto, é significado desde as experiências da criança em suas relações com pais, mães, culturas e desejos, o que revela, consoante Chartier, múltiplas significações da vivência social do infante na literatura.

O segundo conceito para o qual voltamos nossa atenção é o de solidariedade. Segundo o dicionário Houaiss, a palavra solidariedade tem 10 possíveis significados; no entanto, iremos nos ater aos quatro primeiros:

1 caráter, condição ou estado de solidário 2 JUR compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas a todas 3 laço ou ligação mútua entre duas ou muitas coisas ou pessoas, dependentes umas das outras <a s. entre o vento e o moinho> <a s. entre a corda e os montanhistas> 4 sentimento de simpatia, ternura ou piedade pelos pobres, pelos desprotegidos, pelos que sofrem, pelos injustiçados etc. (Houaiss, 2024, s/p)

Essas definições convergem para o ato de ser solidário, de ser uma pessoa empática com o próximo. Mais ainda, ao confrontá-las, percebemos que a solidariedade é compreendida como a ação de fazer coisas boas, de colocar o outro ao lado possibilitando uma relação de reciprocidade e confiança. Essa posição de reciprocidade é, pois, um dos pontos-chave dos contos de Rosa e Couto. Afinal, seus textos representam a voz, o corpo e memória infantis desde uma solidariedade afetiva, cultural e poética que reposiciona os(as) leitores(as) diante de uma infância em constante transformação.

O debate da solidariedade será também aprofundado a partir do artigo *Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada*, de Benjamin Abdala Junior. Nesse texto, o autor defende a perspectiva de um comparatismo da solidariedade, o qual é descrito como a busca do que “existe de próprio e comum” nas culturas (Abdala Júnior, 1996, p. 89). Para esse crítico literário, é necessário estabelecermos não apenas uma relação solidária, ao comparar os textos literários, mas também colocarmos em um mesmo horizonte as literaturas de países de língua portuguesa. Assumir esta prática comparatista significa, em nosso caso, relacionar os contos de Rosa e Couto desde as configurações imagéticas do silêncio, da memória e da alteridade, as quais

são reelaboradas por meio de uma solidariedade infantil e humana entre as culturas, sociedades e literaturas brasileira e moçambicana.

O terceiro conceito balizador deste trabalho é o de infância. Para Philippe Ariès (1986), em *História social da criança e família*, esse termo nem sempre era visto como é na atualidade. Segundo ele, “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la” (Ariès, 1986, p. 50). Isso só mudou de percepção quando houve mudanças de paradigmas na sociedade daquela época, uma vez que a figura da criança como um ser que requer cuidados básicos e atenção deixa de ser vista como mini-adultos.

[...] uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristalização mais profunda dos costumes (Ariès, 1986, p. 61)

Ainda de acordo com Ariès (1986, p. 52), é somente por volta do século XIII que vão surgir “alguns tipos de crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno”. O autor descreve características que representam as crianças daquela época, traçando um percurso sobre a descoberta da infância, evidenciando que, ao passar do tempo, as sociedades foram se importando mais com a infância. “Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu” (Ariès, 1986, p. 61).

Para tanto, é a partir dessa perspectiva de infância surgida no século XVII, que buscamos mapear as suas representações nos contos de Guimarães Rosa e Mia Couto. Tal atitude se justifica pela intenção de compreender como a literatura desses dois escritores representa a imagem da infância e, principalmente, como essa representação constrói laços solidários entre si.

Afinal, o que entendemos por representações da solidariedade infantil nas literaturas? Compreendemos a representação como imprescindível à produção artística e literária, tendo em vista que o ato de narrar histórias, vidas, memórias, vivências e experiências, sejam elas em 1ª ou 3ª pessoa, configura o próprio laço da solidariedade. Ou seja, dá-se no modo de os escritores, narradores e personagens terem suas vozes, memórias e vivências representadas e reconhecidas por outrem.

Posto isso, a representação da solidariedade infantil no texto literário é um dos caminhos possíveis, dentre outros, para analisar como a imagem da infância é desenhada nos contos e de que forma esse desenho reflete, de fato, os sentimentos de empatia, solidariedade e confiança criados dentro/entre as narrativas de Rosa e Couto.

Para discorrer sobre a representação da solidariedade infantil, organizamos este artigo em três tópicos. No primeiro, fizemos estas considerações iniciais. No segundo, analisamos como é construída a solidariedade infantil nos textos literários em estudo. E, por fim, tecemos as considerações finais acerca do tema em Guimarães Rosa e Mia Couto.

## 2. Uma construção solidária da/na voz infantil

Neste tópico do artigo, realizamos a análise e a interpretação dos contos *A menina de lá*, de Guimarães Rosa e *A menina sem palavra*, de Mia Couto. Contudo, antes de apresentarmos as histórias por nós analisadas, consideramos relevante discutir alguns aspectos sobre o conto e, posteriormente, os autores brasileiro e moçambicano.

Segundo Gotlib (1990, p. 9), o conto data muito antes do nascimento de Cristo, por volta de 4000 a. C. Isso se o considerarmos como a arte de contar histórias. Originalmente, a contação de histórias estava condicionada à oralidade; no entanto, “nem todo contador de histórias é um contista”. Para que ele seja considerado como tal, é necessário que o texto seja uma arte, mas para isso acontecer, ele precisa ter um caráter estético, ou seja, só ocorre “quando a voz do contador ou registrador se transforma na voz de um narrador. O narrador é uma criação da pessoa; escritor é já “ficção de uma voz” (...) que, (...) dirige a elaboração desta narrativa que é o conto” (Gotlib, 1990, p. 9, *grifos da autora*).

Para Piglia (2004), o conto “sempre conta duas histórias”. Segundo ele, as histórias são contadas em um mesmo plano, porém cada uma seguindo o seu fluxo natural, cujos “acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagônicas (...) e são empregados de maneira diferente em cada uma das duas histórias” (Piglia, 2004, p. 90). Assim dizendo, uma das histórias é visível ao leitor, fácil de ser detectada durante a leitura; contudo, a outra é constituída nos “interstícios da história” central.

Diante dessas perspectivas, os textos de Rosa e Couto estão alinhados com a concepção de conto trazida por Gotlib (1990) e Piglia (2004), dado que os escritores têm suas vozes ficcionalizadas nas narrativas por meio da representação do narrador. Nos contos, é possível vermos que as histórias “são tecidas com a trama de nossa própria vida. Remotas, obscuras, são mundos paralelos, vidas possíveis, laboratórios onde se experimenta com as paixões pessoais” (Piglia, 2004, p. 104). Em síntese, as tramas vividas pelas meninas nos contos não deixam de

representar a imagem da infância da vida real. Após problematizar essas concepções de conto, trazemos um pouco da vida dos autores que constroem a imagem das infâncias em suas histórias.

João Guimarães Rosa nasceu em Minas Gerais, na cidade de Cordisburgo, em 27 de junho de 1908. Foi poeta, romancista, novelista, contista, médico e diplomata. Ele é considerado um dos mais renomados escritores do século XX, produziu inúmeras obras que se destacaram no cenário da literatura nacional e mundial. Rosa, ainda, é reconhecido por utilizar de neologismos, regionalismos e inovar na linguagem.

O autor tem como principais obras: *Sagarana* (1936), *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Primeiras Estórias* (1962) entre outras. Além de produzir obras de grande reconhecimento, ele também ganhou prêmios como: Prêmio Felipe d'Oliveira (1946), Prêmio Carmem Dolores Barbosa (1957), Prêmio Machado de Assis (1961), Prêmio Jabuti (1993) e Ordem do Mérito Cultural (2008).

António Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia Couto, nasceu na cidade da Beira, Moçambique, África, em 5 de julho de 1955. Couto é escritor e biólogo, mas desenvolveu, durante muitos anos, a atividade de jornalista, em que trabalhou na Tribuna. Foi diretor da revista e anos mais tarde deixou a carreira de jornalista, dedicando-se às atividades de biólogo e a arte de escrever poemas, contos, romances e crônicas.

O autor moçambicano tem como sua obra prima o livro *Terra Sonâmbula*, que lhe rendeu um dos maiores prêmios concedido a escritores(as) de língua portuguesa, o prêmio Camões. Dentre a sua vasta produção literária temos: *Vozes Anotecidas* (1986), *Raízes de Orvalho* (1993), *Um Rio Chamado Tempo* (2002), *O Fio das Miçangas* (2003), *Poemas Escolhidos* (2016), *O Bebedor de Horizontes* (2017), destacamos aqueles que consideramos mais relevantes em sua produção.

Após realizar a apresentação dos autores, compartilhamos, de forma sucinta, o enredo dos contos *A menina de lá* e *A menina sem palavra*, respectivamente. No primeiro, temos a representação de uma família que mora no sertão mineiro, composta por um pai, uma mãe e a criança Nhinhinha, a personagem principal. Durante a história, é mostrado que a garotinha tinha dificuldades em se comunicar, usava uma linguagem própria e que até mesmo os pais enfrentam a angústia de não compreender a criança. Nhinhinha, como era chamada, desenvolve dons que não eram compreendidos e por isso os pais resolvem esconder o segredo das demais pessoas; contudo, a infante vem a óbito deixando os pais e a Tiantônia tristes com a sua passagem fugaz no plano terreno.

No segundo conto, encontramos também a figura de uma criança do sexo feminino que apresenta dificuldades de falar e o seu progenitor se mostra bastante preocupado com tal situação. Ele é quem protagoniza a história junto com a filha, pois, à medida que a criança palavreia “mar”, o homem decide levá-la para imensidão das águas azuis do mar. Nesse ínterim, ele já estava sem esperanças de a filha falar, todavia, a garotinha, após ouvir uma história contada pelo pai, acaba dando-lhe um final e começando a falar.

Diante do exposto, entendemos que Guimarães Rosa e Mia Couto, através de seus contos, tomam a imagem da infância como zona de representação. Em outras palavras, utilizam as suas narrativas não como forma de "registrar com mais fidelidade a realidade nossa" (Gotlib, 1990, p. 8), mas sim como forma de trazer, à tona, em seus textos, a alteridade dos corpos, dos balbucios, das memórias e das experiências que são conjugados pelos seres humanos nos seus primeiros anos de vida, nesse caso, na infância.

Dessarte, as literaturas passam a olhar para esse momento da vida e produzir textos que retratem esse público com mais fidedignidade. No entanto, a essa questão, Mata (2010) argumenta que a representação da infância nos textos literários se dá por meio de um escritor adulto cujas crianças não são as próprias autoras de suas histórias, e tampouco serão elas mesmas a se retratarem nos textos. Para o autor,

[...] a infância é representada, ou seja, os escritores apresentam outra vez aquilo que o leitor já conhece. No entanto, essa reapresentação não ocorre sem modificações, sem uma operação configuracional, da que fala Paul Ricoeur, ao decupar o processo mimético na literatura, o que significa que, mesmo que se apresente a perspectiva do outro, ela é mediada no processo criativo do autor por seu universo. A perspectiva da infância apresentada na literatura não se mostra falando em nome próprio. A criança não é reconhecida como escritor. (Mata, 2010, p. 12)

Assim, é por meio do que argumenta Mata (2010) sobre a infância não falar por si só, mas sim pela representação do escritor - a partir de suas vivências e experiências de criança - que teremos a infância construída através da visão de adultos e suas vozes sendo projetadas mediante a leitura do outro. Decerto, fica claro que, a representação das crianças na literatura é mediada pelo outro, sendo ele responsável por representar a imagem do infantil nos textos literários.

De posse dessas informações, iniciamos o mapeamento das representações da solidariedade infantil. Dito isso, compreendemos que as solidariedades são construídas desde a nomeação dos contos, visto que tanto Rosa quanto Couto utilizam de uma estrutura parecida ao nomear suas narrativas. Afinal, ambos os títulos “A menina de lá” e “A menina sem palavra” são

introduzidos com o emprego do artigo definido “a”, e do substantivo feminino “menina”, dando às garotinhas o ar de familiaridade. Os narradores não estão se referindo a quaisquer crianças, mas, sim, a duas específicas, porque a utilização do artigo é a marcação de que as meninas são conhecidas. Outro aspecto importante nos contos é a capacidade de comunicação das crianças, as quais apresentam dificuldade em projetar suas vozes.

Ainda de acordo com os títulos dos contos, se de um lado, em Guimarães Rosa, temos, a utilização da preposição “de” e do advérbio de lugar “lá” como uma forma de marcar o espaço de pertencimento da infante, onde ela conjuga o direito de estar em outros lugares, sejam eles físicos ou metafísicos; por outro lado, em Mia Couto, identificamos o uso da preposição “sem” e do substantivo “palavra”, que confere à criança a incapacidade de falar, vejamos que dela é retirada a palavra.

Em resumo, a própria constituição dos títulos representa a solidariedade infantil, haja vista que as crianças são representadas dentro de um mesmo horizonte de dificuldades. Nos contos, uma das meninas vive a fabular, no mundo das subjetividades, das divagações e a outra vive a realidade de não se comunicar com os familiares, de não conseguir produzir palavras. Ao fazer tais afirmações, embasamo-nos em trechos das histórias aqui analisadas.

A princípio, observamos que, não por acaso, o conto *A menina de lá* é nomeado, visto que desde o início ele evoca outro lugar, o qual não se sabe, mas pelos indícios que o texto nos oferece, inferimos que seja um plano místico. Como exemplo, destacamos o momento no qual a criança começa a desejar que as coisas aconteçam e elas passam a acontecer, mas não são quaisquer coisas, vejamos o que nos revela o narrador:

Assim, quando a Mãe adoeceu de dores, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando seu – “Deixa... Deixa...” – não a podiam despersuadir. Mas veio vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto. Souberam que ela tinha também outros modos. (Rosa, 2011, p. 67)

A criança, no trecho acima, é representada como um ser capaz de curar, de operar milagres, de realizar os seus desejos. A garota é descrita pelo narrador como uma personagem complexa, que, mesmo vendo a mãe acamada, tinha dificuldades em se relacionar. Apesar de não saber se comunicar por meio da fala, a pequena se vale de gestos carinhosos, de afetos e ternura que acabam curando a mãe. Tais manifestações convergem para os laços de amor, carinho, amizade e solidariedade que são criados por uma família.

Esses laços podem ser vistos também no conto *A menina sem palavra*, no qual a criança é representada sem a capacidade de se comunicar. A garota, agora, não tem mais palavra. Contudo,

apesar da incapacidade de palavrear, a criança tenta estabelecer contato com o pai e consegue. Nesse ínterim, balbucia a palavra “mar”, tirando-a de um lugar de silêncio e colocando-a em evidência ao lado do pai.

Nos dois contos, é visível que os escritores estão numa “tentativa de compreender a perspectiva social do outro - a criança - e sua reconfiguração numa trama narrativa” (Mata, 2010, p. 13). Para tanto, é por isso que os autores representam as crianças de suas narrativas como seres frágeis, sensíveis e com dificuldades em projetar a voz, seja por ser de “lá” ou por não palavrear. Como exemplo, destacamos *Nhininha*, a qual o narrador a descreve como:

[...] nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes. Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia (Rosa, 2011, p. 65).

Ao analisar tal fragmento, notamos que o narrador inicia sua história tecendo o imaginário infantil, que é elaborado do princípio ao fim da narrativa, cuja infância começa a ser figurada no verbo nascer. Desse modo, o narrador representa a alteridade do corpo e voz. Isto é, como diria Mata (2010, p.12), “a infância ganha, assim, pela memória dos chamados grandes narradores, as páginas da literatura” e é caracterizada física e linguisticamente por seus narradores. Nesse processo de caracterização, a criança é representada como um indivíduo que está à margem do núcleo familiar, sendo vista no entre-lugar do discurso, como uma estrangeira em seu próprio lar (Santiago, 2000).

Similar à história de Guimarães Rosa, o narrador de *A menina sem palavra* também descreve a personagem de sua narrativa logo nas primeiras linhas do texto. A menina é apresentada com dificuldades em palavrear, conforme enuncia o narrador: “A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro” (Couto, 2018, p. 33). Dessa forma, a criança é representada como um sujeito que está aprendendo a falar. Além disso, notamos que a garotinha se ocupava em balbuciar, em reproduzir sons que não representavam palavra alguma, pois, como nos revela o próprio narrador, nenhuma vogal saía dos lábios da infante. Nesse caso, sendo impossível construir uma palavra, tendo em vista que a utilização das vogais é imprescindível à formação das palavras.

Diante de tais dificuldades, a garotinha, ainda, é compreendida como um ser que necessita de cuidados e atenção específica à sua condição. Cuidados esses que são oferecidos pelo pai, o

qual se mostra solidário às especificidades da filha. Temos aqui a construção da infante como um ser dependente.

Essa representação da infância como um ser dependente também ocorre em Rosa, já que a criança tem dificuldades de organizar o pensamento para produzir frases lógicas e compreensíveis pelos seus familiares. Com efeito, é nessa cena de dificuldades que os laços de solidariedade entre as crianças das narrativas passam a ser estabelecidos. As duas se encontram no mesmo horizonte de complicações, onde precisam ser cuidadas. Destacamos como outro ponto de solidariedade o ato de as meninas vivenciarem o silêncio, o não palavreado, o diálogo com o místico e a cura de doenças como estratégias discursivas para construírem suas experiências afetivas, cosmológicas e familiares na infância.

À medida que a leitura dos contos avança, o(a) leitor(a) identifica que as vozes das meninas não são ouvidas, mas são representadas desde a ótica de pessoas adultas. A representação é “perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela [v]erdade, que considera os signos visíveis com índices seguros de uma realidade que não o é” (Chartier, 1991, p. 185). O ato de caracterizar as infantes na literatura é uma leitura que os escritores fazem desse período da vida. A esse respeito, observamos como Nhinhinha tem sua infância representada:

“Ninguém entende muita coisa que ela fala”... – dizia o Pai, com certo espanto’ (...) “Em geral, porém, Nhinhinha, com seus nem quatro anos, não incomodava ninguém, e não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios” (Rosa, 2011, p. 65).

A criança é colocada como um ser introspectivo, uma menina que as pessoas próximas, pai, mãe e tia, têm dificuldades em se relacionar. A criança não era quase notada pelos adultos que a circundam. Sua passividade era algo que chamava a atenção, pois, com seus quase 4 anos é comum as crianças serem agitadas e fazerem perguntas; porém, Nhinhinha não se enquadra nesse perfil.

Todavia, na história de Couto, a criança não é descrita como uma pessoa passiva, mesmo com dificuldades em desenvolver a comunicação por meio da linguagem verbal. Inferimos, a partir da leitura, que ela não é um sujeito influenciável e que tem as suas próprias vontades. Ela não recua apesar do pai chamá-la: “ — *Filha, venha para trás. Se atrase, filha, por favor...* Ao invés de recuar, a menina se adentrou mais no mar” (Couto, 2018, p. 35 e 36).

Desse modo, ao olharmos para os dois contos, simultaneamente, percebemos que “a infância é construída a partir dos entalhes feitos sobre a pedra bruta e, como artífices da escultura, os escritores acabam tendo como modelo, ao retratar a crianças o adulto que ele será ou o adulto

que ele não é” (Mata, 2010, p. 18). Essa afirmação talvez seja um caminho para se compreender o porquê de as crianças serem descritas com dificuldades no processo de aquisição da linguagem e as fragilidades das relações familiares e afetivas.

Assim, ora em uma narrativa temos uma criança mais retraída e deixada em seu canto, ora em outra temos uma criança também quieta, porém, com um pai que busca ajudá-la a se desenvolver. Não por acaso, esse pai é representado como um sujeito preocupado com a filha, porque ela, como nos descreve o narrador, parecia ter uma língua própria: “Era uma língua só dela, um dialecto pessoal e intransmível?” (Couto, 2018, p. 33). Nessa fala, compreendemos o dialeto criado pela criança como balbucios da infância, como diria Achugar (2006), isto é, a construção de práticas de linguagem que desestabilizam o falar, sentir e ver a realidade cultural, infantil e familiar.

Nesse sentido, também teremos Nhinhinha construindo de forma incomum suas frases que são tidas como algo particular ao seu universo, visto que só fazia sentido para ela mesma. A esse respeito, o narrador nos revela a cena na qual a garota organiza a sua fala que desestabiliza seus familiares em:

[...] ela perguntava, por exemplo: - “Ele xurugou?” – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: - “Tatu não vê a lua...” – ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida. (Rosa, 2011, p. 65)

Para tanto, a criança é representada como um ser que não gosta de brincar e ao mesmo tempo como uma personagem que transgride o falar e sentir na construção da vida cotidiana, uma vez que precisa ressignificar a linguagem como forma de estabelecer diálogo. Desse modo, a garotinha vive em seu mundo particular com sua própria linguagem, utilizando uma fala despreocupada que não segue o padrão aceitável e reconhecido pela comunidade que está inserida.

Como colocado anteriormente, apesar de uma construção própria da linguagem por parte das crianças e de suas dificuldades em se comunicar, há personagens que se mostram preocupados em compreender as meninas. Na narrativa de Guimarães Rosa, Tiantônia é quem tenta entender a sua sobrinha Maria, ou melhor, Nhinhinha, como era chamada pela família. Já em Mia Couto, o pai da criança é quem sente na necessidade de ajudar a filha a desenvolver quanto à

comunicação verbal. Ele é descrito como um sujeito que partilha de grande afeição pela filha e que se importa muito com a condição dela. Isso é facilmente verificado em:

Seu pai muito lhe dedicava afeição e aflição. Uma noite lhe apertou as mãozinhas e implorou, certo que falava sozinho:  
 — Fala comigo, filha!  
 Os olhos dele desluzaram. A menina beijou a lágrima. Gostoseou aquela água salgada e disse:  
 — Mar...  
 (Couto, 2018, p. 33)

Nesse fragmento da narrativa, podemos vê que o pai, como diria Gilda Bitencoutt (2013), é a representação da alteridade, do ato de se colocar no lugar do outro, do eu que se vê no desejo de cuidar e proteger. Nesse momento, é evidente o quanto ele é solidário à condição da filha, dado que a incentiva a falar e, de tanto fazer isso, acaba obtendo êxito, porquanto a menina tida como “sem palavra” rompe o silêncio e pronuncia “mar”. Nesse instante, o guardião dela não consegue conter tamanha felicidade e resolve ajudá-la mais ainda, decide levá-la para o mar, vista que com tal decisão ele acreditava que poderia fazer com que a criança viesse a falar. No excerto a seguir podemos perceber tal situação:

O pai espantou-se de boca e orelha. Ela falara? Deu um pulo e sacudiu os ombros da filha. Vês, tu falas, ela fala, ela fala! Gritava para que se ouvisse. Disse mar, ela disse mar, repetia o pai pelos aposentos. Acorreram os familiares e se debruçaram sobre ela. Mas mais nenhum som entendível se anunciou.  
 O pai não se conformou. Pensou e repensou e elaborou um plano. Levou a filha para onde havia mar e mar depois do mar. Se havia sido a única palavra que ela articulara em toda a sua vida seria, então, no mar que se descortinaria a razão da inabilidade. (Couto, 2018, p. 33 e 34)

No trecho acima, é mostrado como o pai constrói com a filha os laços de solidariedade mediante a condição dela. O genitor é muito atencioso e ao mesmo tempo se coloca no lugar da filha, utilizando de múltiplos recursos - contação de histórias, ida para o lugar da palavra pronunciada, entre outros - como forma de fazer a filha reproduzir sons entendíveis. Tais atitudes desse pai vão de encontro aos pais de Nhinhinha, que não tinham nenhum poder sobre a filha, a criança só fazia aquilo que queria. Tal argumento nos é apresentado pelo narrador em:

[...] Não se importava com os acontecimentos. Tranqüila, mas viçosa em saúde. Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências. Como puni-la? E, bater-lhe, não ousassem; nem havia motivo. Mas, o respeito que tinha por Mãe e Pai, parecia mais uma engraças espécie de tolerância. E Nhinhinha gostava de mim. (Rosa, 2011, p. 66)

Nhinhinha configura nessa construção a imagem de um ser independente, dono de suas decisões, e isso fica mais nítido num certo dia, no qual a garota começa a desejar as coisas e seus pedidos são atendidos:

“Eu queria o sapo vir aqui” Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha – e não o sapo de papo, mas uma bela rã brejeira, vinda do verduoso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela riu: - “Está trabalhando um feitiço...” Os outros se pasmaram; silenciaram demais. (Rosa, 2011, p. 67)

Na história de Rosa, a construção do núcleo familiar é subvertido, tendo em vista que é a criança que passa a construir a rede de apoio à família; ao longo da trama, a criança desenvolve habilidade para além da compreensão humana e passa a comunicar-se com o “lá” da vida espiritual, estabelecendo um canal de comunicação com o mítico, com o sagrado. Portanto, é nesse diálogo com o outro que suas vontades passam a ser atendidas; e seus pais ficam espantados, e decidem guardar o segredo para si:

Decidiram de guardar segredo. Não viessem ali os curiosos, gente maldosa e interesseira, com escândalos. Ou os padres, o bispo, quisessem tomar conta da menina, levá-la para sério convento. Ninguém, nem os parentes de mais perto, devia saber. Também, o Pai, Tiantônia e a Mãe, nem queria versar conversas, sentiam um medo extraordinário da coisa. Achavam ilusão. (Rosa, 2011, p. 67)

A princípio, no entanto, acreditamos que eles fazem isso por cuidado à menina, mas pelo contrário, ao longo da narrativa, o narrador nos revela o pensamento do pai sobre possível proveito da condição da filha. O desejo em explorar, em se dar bem, é maior que os cuidados e a atenção que a criança recebe. Dessa maneira, notamos que a relação de solidariedade construída no conto tem como objetivo tirar proveito daquela que pode oferecer algo, nesse caso, a criança milagrosa. Comprovamos tal interesse em:

O que ao Pai, aos poucos, pegava a aborrecer, era que de tudo não se tirasse o sensato proveito. Veio a seca, maior, até o brejo ameaçava se estorricar. Experimentaram pedir a Nhinhinha: que quisesse a chuva. – “Mas, não pode, ué...” – ela sacudiu a cabecinha. (Rosa, 2011, p. 68)

A passividade, a incompreensão da linguagem, a fragilidade são elementos que estão presentes nos dois contos. No entanto, no de Rosa, as relações solidárias existentes são mais conflituosas, percebemos que pai e mãe não têm um olhar muito sensível à condição de Nhinhinha, uma vez que pai e mãe zangavam-se com o modo da filha os tratar:

Nada a intimidava. Ouvia o Pai querendo que a Mãe coasse um café forte, e comentava, se sorrindo: - “Menino pidão... Menino pidão...” Costumava também dirigir-se à Mãe desse jeito: - “Menina grande... Menina grande...” Com isso Pai e Mãe davam de zangar-se. (Rosa, 2011, p. 66)

Em contrapartida à postura dos pais de Nhinhinha, o pai da história *A menina sem palavra* representa cuidados e atenção à pequenina. Seu desejo em ajudar e proteger é destacado desde

a postura em acolher a filha em suas limitações e abraçá-la, oferecendo colo. O pai se prontifica a fazer o que for necessário para ajudar a menina a desenvolver a habilidade de falar. E para isso usa o recurso de contar uma história:

Desistido e cansado, se sentou ao lado dela. Quem sabe cala, quem não sabe fica calado? O mar enchia a noite de silêncios, as ondas pareciam já se enrolar no peito assustado do homem. Foi quando lhe ocorreu: sua filha só podia ser salva por uma história! E logo ali lhe inventou uma, assim:

Era uma vez uma menina que pediu ao pai que fosse apanhar a lua para ela. O pai meteu-se num barco e remou para longe. Quando chegou à dobra do horizonte pôs-se em bicos de sonhos para alcançar as alturas. Segurou o astro com as duas mãos, com mil cuidados. O planeta era leve como uma bala. (Couto, 2018, p. 34 e 35)

Ao decidir contar uma história à filha, o pai acredita que tal experiência poderá despertar nela a comunicação. “Foi quando lhe ocorreu: sua filha só pode ser salva por uma história!” (Couto, 2018, p. 34). E, de fato, a contação da história fez com que a criança começasse a falar. Algo parecido ocorre com Nhinhinha, segundo o narrador:

[...] Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeito do sentido. Com riso imprevisto: — “Tatu não vê a lua...” — ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida. (Rosa, 2012, p. 65)

No entanto, é a própria criança que utiliza da contação de histórias como um instrumento de projeção da voz. É por meio das suas frases desorganizadas, suas estórias sem sentidos que ela consegue chamar a atenção, estabelecendo um contraponto na narrativa, pois sua forma de organização das palavras, das orações era algo muito incomum, isso na visão dos adultos, por outro lado, para ela, aquilo fazia sentido ao seu universo.

Em síntese, ao analisar os contos de Guimarães Rosa e Mia Couto, compreendemos que as representações das solidariedades infantis estavam presentes no olhar cuidadoso dos adultos; nas dificuldades que as crianças tinham em projetar suas vozes; no carinho, amor, afeto e atenção que eram oferecidos às meninas; na própria superação das dificuldades; na construção do diálogo; na família como sendo um lugar de primeiros ensinamentos.

Dessa maneira, deixamos claro que a leitura que fizemos sobre os contos não pode ser limitada a nossa análise e interpretação, lembrando que, como argumenta Ricardo Piglia (2004), “um conto sempre conta duas histórias”. Ou seja, o leitor precisa ir além para poder explorar outros elementos e histórias que são narradas em um conto. Sendo assim, cabe ao leitor não se importar “se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo” (Gotlib, 1990, p. 8).

Enfim, mapeamos os laços de solidariedade como a construção das relações solidárias, amorosas, empáticas, afetuosas entre pais e filhas. Portanto, os contos rosiano e miacoutiano representam personagens infantis que trazem as complexidades da infância, os desafios que pais e mães passam para ajudar seus filhos e, as superações dos obstáculos, sejam por serem de “lá” ou por não “palavrear”.

### Considerações finais

Em resumo, ao ler, analisar e interpretar os contos *A menina de lá*, de Guimarães Rosa e *A menina sem palavra*, de Mia Couto com o objetivo de mapear as representações da solidariedade infantil nos contos em tela, percebemos o quão relevante é discutir essa temática da representação, solidariedade e, principalmente, da infância nas literaturas brasileira e moçambicana, tendo em vista que são poucas as referências bibliográficas sobre as temáticas discutidas.

A esse respeito, as duas narrativas analisadas, aqui, constroem representação das múltiplas facetas da infância, das memórias e das experiências vividas/adquiridas a partir dos vínculos criados entre familiares. Tais trocas configuram laços solidários na representação do imaginário infantil, uma vez que as personagens das histórias se (des)encontram nas tramas das ficções para estabelecerem relações de solidariedades dos corpos e vozes outrora silenciados.

Desse modo, ainda, ao realizamos a leitura, análise e interpretação dos contos, conseguimos mapear as representações da solidariedade infantil nos textos literários de Rosa e Couto. E, durante o percurso de mapeamento, vimos que as solidariedades perpassam a construção literária e, que, os textos são uma ponte para se construir saberes e dá voz àqueles que não se veem representados na sociedade.

Nesse sentido, a literatura tem um papel importante em representar as vozes emudecidas e as pessoas marginalizadas sócio-histórico e culturalmente. O texto literário é um caminho possível e necessário para as comunidades silenciadas, para as infâncias relegadas e para estabelecer/criar laços de solidariedade entre esses que não se veem representados em nenhum lugar.

Assim, acreditamos que outros trabalhos precisam ser feitos, porque há a necessidade de ampliação da questão da representação, da solidariedade e da infância na cena

teórico-crítica-didática das literaturas contemporâneas. Discutir a temática é caro à sociedade, tendo em vista que como foi dito ao longo do texto deste artigo, a ideia de infância é um conceito não muito antigo, e carece de trabalhos no universo acadêmico.

## Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 3, p. 87-95, 1996 Tradução. Disponível em: [biblio.fflch.usp.br/Abdala\\_Junior\\_B\\_1085821\\_NecessidadeESolidariedadeNosEstudosDeLiteraturaComparada.pdf](http://biblio.fflch.usp.br/Abdala_Junior_B_1085821_NecessidadeESolidariedadeNosEstudosDeLiteraturaComparada.pdf). Acesso em: 07/01/2023.

ARIÈS, Philippe. História social da infância e da família. **Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT**, p. 234, 1986

COUTO, Mia. Nas águas do tempo. In: **A menina sem palavra / Mia Couto**. – 1ª ed. – São Paulo: Editora Bonifácio, 2018.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

BITTENCOURT, Gilda. Alteridade nos contos de Milton Hatoum. In: BITTENCOURT, Gilda; SCHMIDT, Rita T. **Fazeres indisciplinados: estudos de literatura comparada / organizadoras Rita Lenira de Freitas Bittencourt [e] Rita Terezinha Schmidt**. – Porti Alegre: Editora da UFRGS, 2013. 416 p.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 1990.

MATA, Anderson Luís Nunes da. Infância e literatura. In.: **O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea / Anderson Luís Nunes da Mata**. - Londrina: EDUEL, 2010. 174p.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Editora Companhia das Letras, 2004.

ROSA, João Guimarães (1908-1967). A terceira margem do rio. In: **Primeira estórias / João Guimarães Rosa**. – 50 ed. - Rio de Janeiro: Ediouro Lazer e Cultura, 2011.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: o entre-lugar do discurso latino-americano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOLIDARIEDADE. In.: Dicionário Houaiss. Tarauacá: UOL, 2024. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#5](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5). Acesso em: 09/01/2024.